



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA
PORTUGUESA

ERALDO LIMA DE MACÊDO

**O PESSIMISMO ROMÂNTICO PRESENTE NO *LIVRO DE MÁGOAS*, DE
FLORBELA ESPANCA**

Picos
2023

ERALDO LIMA DE MACÊDO

**O PESSIMISMO ROMÂNTICO PRESENTE NO *LIVRO DE MÁGOAS*, DE
FLORBELA ESPANCA**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Federal do Piauí – UFPI,
apresentado para obtenção do título de
licenciada na área de Letras Língua Portuguesa
e Literatura de Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Feitosa
Pinheiro

**Picos
2023**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
 Rua Cícero Duarte N° 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
 Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE ARTIGO DE FINAL DE CURSO

Às 17h horas do dia vinte e nove de agosto do ano de dois mil e vinte e três, na sala 833, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, do *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência da Profª. Dra Cristiane Feitosa Pinheiro, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia sob a forma de artigo, de autoria do aluno **ERALDO LIMA DE MACEDO** do curso de Letras desta Universidade com o título, **O PESSIMISMO ROMÂNTICO PRESENTE NO LIVRO DE MÁGOAS, DE FLORBELA ESPANCA**. A Banca Examinadora ficou assim constituída: Profª Drª Cristiane Feitosa Pinheiro (orientadora – presidente), Prof. Dr Welbert Feitosa Pinheiro (Examinador Interno - 1º examinador) e Profa Roseângela Ferreira Belo – Avaliadora Externa (Examinadora Externa – 2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação do aluno pela Presidente da banca, ocorreu a apresentação do artigo, seguido de questionamentos pelos membros da banca. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, na mesma sala, sem a presença do avaliando e seus convidados. Apuradas as notas, verificou-se que o aluno foi aprovado com média geral 10,0. E, para constar, eu, Cristiane Feitosa Pinheiro, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 29 de agosto de 2023.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Cristiane Feitosa Pinheiro

Profª Dra Cristiane Feitosa Pinheiro

Presidente da Banca/Orientadora – Universidade Federal do Piauí

Welbert Feitosa Pinheiro

Profª Dr Welbert Feitosa Pinheiro

Examinador Interno – Universidade Federal do Piauí

Roseângela Ferreira Belo

Profa Roseângela Ferreira Belo

Examinadora Externa

O PESSIMISMO ROMÂNTICO PRESENTE NO *LIVRO DE MÁGOAS*, DE FLORBELA ESPANCA¹

Eraldo Lima de Macêdo²
Cristiane Feitosa Pinheiro³

RESUMO

A cultura Romântica sentimentalista que pôs em evidência as excessivas dores da alma, surgiu a poetisa portuguesa Florbela Espanca (1894-1930), cuja obra foi testemunha de uma vida carregada de melancolia e angústia. Embora poetisa do período modernista, sua obra não a insere completamente nas manifestações da época. A dúvida sobre em qual estilo literário se enquadra a obra da autora provocou nosso interesse. A pesquisa concentrou-se em comprovar o pessimismo romântico como principal peça para a construção do *Livro de Mágoas*. Como objetivo geral, buscou-se apresentar o modo de resgate do pessimismo romântico, na obra Livro de Mágoas de Florbela Espanca e, especificamente, destacar dados bibliográficos da autora; analisar o processo de construção do pessimismo na obra a partir dos sentimentos melancólicos de tristeza, angústia e saudade. Com isso, procurou-se responder à seguinte questão: de que forma Florbela Espanca resgata o pessimismo romântico em sonetos do *Livro de Mágoas*? Para atender os objetivos, a pesquisa seguiu uma metodologia de ordem qualitativa e bibliográfica. Como base teórica, foram adotados os estudos de Silva (2017), Macedo (2010), De Farias (2019), Gonçalves (2009), Moisés (2008), Silva (2008), Sousa (2017) e outros.

Palavras-chave: *Livro de Mágoas*; Florbela Espanca; pessimismo; angústia.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo a análise poética do *Livro de Mágoas* de Florbela Espanca (1894-1930), autora portuguesa, cujo desenvolvimento poético se deu no início do século XX e explorou vários campos literários, entre eles, contos, poesias, ensaios críticos e diários. Entretanto, sua prioridade como escritora, incidiu sobre a poesia, na forma de soneto, com influência marcante do gênero lírico.

São poesias sentimentais que, na maioria das vezes, destacam os sentimentos pessoais, pondo-os como a voz central, quase sempre um EU que indica seu eu particular, a condição da alma.

A importância da obra de Florbela Espanca se dá não apenas pela riqueza de traços e influências de diversas correntes literárias que transpassaram o século XIX, dando-lhe, espaço para ser chamada por alguns estudiosos como “a romântica tardia”, a

¹ Artigo Apresentado à Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, UFPI (CSHNB).

² Graduando em Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, UFPI (CSHNB).

³ Doutora e Mestre em Educação (UFPI) e Professora do Curso de Letras, UFPI (CSHNB).

voz feminina pouco reconhecida no Romantismo, que resgata a poesia romântica deixada de ser foco por tantos autores, e ao mesmo tempo aproximando-se da estética do século XX.

Desta forma, a relevância de um estudo sobre o *Livro de Mágoas*, contribui precisamente para o estudo sobre o pessimismo romântico, proveniente de um eu-lírico feminino que escreveu sobre diversos temas, como erotização, angústia, sofrimento, saudade e amor, um grande tabu no início do século XX.

O pioneirismo e independência feminina de Florbela Espanca, na sua vida e obra, fazem com que a poetisa seja considerada uma mulher à frente do seu tempo, concedendo espaço para a figura feminina como escritora, e assim abrir caminho para novas escritoras, não apenas voltadas para o proibido, mas para possibilitar campo em um período que havia pouco espaço para ação feminina.

Neste estudo, procurou-se compreender o pessimismo romântico em sonetos do *Livro de Mágoas*. No qual predomina um imaginário poético claramente romântico, em que a poesia se volta para os sentimentos de melancolia: tristeza, angústia e saudade.

Em termos precisos, o amor para a poetisa está precisamente relacionado com mágoas, dor, nostalgia dos tempos passados, o amor como dependência e entrega absoluta à pessoa amada, à amargura.

Para o desenvolvimento da pesquisa, buscou-se responder ao seguinte problema: De que forma Florbela Espanca resgata o pessimismo romântico em sonetos do *Livro de Mágoas*?

Para responder ao problema de pesquisa, elegeu-se como objetivo geral apresentar o modo de resgate do pessimismo romântico, na obra *Livro de Mágoas* de Florbela Espanca e, especificamente, destacar dados bibliográficos da autora; analisar o processo de construção do pessimismo na obra *Livros de Mágoas* a partir da tristeza, angústia e saudade.

Visando atingir os objetivos da pesquisa, a técnica de coleta de dados se construiu em torno da revisão bibliográfica, através da qual se buscou em pesquisas sobre a obra da autora, suporte para o aprofundamento dos debates. Para tanto, usou-se como referenciais os estudos de Silva (2017), Macedo (2010), De Farias (2019), Gonçalves (2009), Moisés (2008), Silva (2008), Sousa (2017) e outros.

Trata-se de pesquisa descritiva, pois, não houve intervenções ou julgamentos de cunho pessoal, a pesquisa se deu por meio de análise qualitativa, além de reflexão, análise, observação e interpretação sobre o corpus de análise.

O corpus de análise eleito recaiu especificamente sobre os sonetos “*Este Livro*”, “*A Minha Dor*”, “*Noite de Saudade*”, “*Languidez*”, “*Dizeres Íntimos*”, “*Angústia*”, “*Sem Remédio*”, “*Mais Triste*” e “*Castelã da Tristeza*”, podendo, conforme a necessidade de robustecer a análise, haver o cruzamento de fragmentos de outros textos da obra.

Dessa forma, a partir da análise dos sonetos mencionados acima, buscou-se identificar a existência de elementos do pessimismo romântico ligados à dor, melancolia, angústia, amor e saudade, presentes na construção de sonetos do *Livro de Mágoas*.

2 FLORBELA ESPANCA: DO PESSIMISMO DA VIDA AO ROMANTISMO TARDIO

Florbela D’Alma da Conceição Espanca nasceu no dia 08 de dezembro de 1894, em Vila Viçosa, Alentejo, região sul de Portugal. Filha de uma relação entre patrão e empregada, João Maria Espanca e Antônia da Conceição Lobo.

Em 10 de março de 1897, nasce seu único irmão, Apeles Demóstenes Espanca, filho da mesma mãe e mesmo pai. Ambos registrados como filhos de Antônia e pai desconhecido. Florbela e seu irmão foram tirados de sua mãe ainda muito pequenos, para serem criados e educados pelo pai e madrasta Mariana do Carmo Toscano.

Suas primeiras produções poéticas são datadas dos anos de 1903 e 1904, quando frequentava a escola primária em Vila Viçosa. Foi uma das primeiras mulheres de Portugal a ingressar no curso secundário do Liceu Nacional de Évora, onde manteve-se até 1912. Casou-se em 1913 com Alberto Moutinho, seu colega de escola. Em 1917, terminou o curso de Letras e iniciou no curso de Direito da Universidade de Lisboa.

Em 1919, lançou seu primeiro livro, *Livro de Mágoas*, sonetos dedicados pela autora ao seu pai e seu irmão. Escritos inspirados na sua vida intensa, tumultuada e triste. Indagada pelo relacionamento conturbado que tinha com seu pai. Segundo Silva (2017, p. 6),

Parte de sua inspiração foi proveniente de sua vida breve, porém intensa. Conviveu com a rejeição do pai, que apesar de tê-la criado, só dezenove anos depois de sua morte a reconheceu legalmente como filha. O fato ocorreu na

inauguração de seu busto em Évora, após dura insistência de um grupo de florbelianos.

Em vida, apenas duas obras foram publicadas pela autora, *Livro de Mágoas* (1919) e *Livro de Soror Saudade* (1923). Entre os anos de 1915 e 1917, Florbela escreveu toda sua produção em um livro de mercearia, o qual ela deu o nome de *Trocando Olhares*. Deste livro, separou alguns poemas para, posteriormente publicar com o título de *O Livro d'ele*. O que não aconteceu, assim como os livros de poesia *Charneca em Flor* (1931), *Reliquiae* (1931) e os contos *Dominó Preto* (1981) e *As Máscaras do Destino*, que vieram a ser publicados postumamente.

Florbela Espanca tinha Apeles como refúgio, era a conexão que a poetisa tinha com a infância, a pessoa estável por quem sempre recorria quando precisava. Em 1927, falece Apeles por meio de um acidente, despenhou-se enquanto sobrevoava o rio Tejo, em Lisboa, num hidroavião Hanriot 33. Depois desse fato, Florbela se decaiu por três anos, conforme Macedo (2010), “Morte que causou em Florbela uma fortíssima destruição, o maior choque da sua vida. Após esse acontecimento Florbela nunca mais foi à mesma”.

Após a morte de seu irmão, ela escreveu um livro de contos *As Máscaras do Destino*, no qual escreveu, no prefácio: “Terminei há pouco um livro de contos que tenciono publicar no próximo inverno, livro que me deu muito trabalho e muita canseira, principalmente depois do formidável choque da morte do meu estremecido irmão, do meu morto mais lembrado que nenhum vivo.” (ESPANCA, 2000, p.171)

Como se pode observar, escrever era um refúgio para sua alma. Expressava a sua dor à medida em que acontecimentos trágicos a marcavam.

Com a inconcebível vontade de amar transformada em ideário de vida. Sua dolorosa saga pela vontade de se expressar, gritar, mostrar o seu estado da alma. Vida e escrita se abraçavam e caminhavam lado a lado, à medida que sua vida acontecia. Casou-se mais duas vezes, infeliz em ambos os casamentos, divorciou-se.

Segundo Macedo (2010, p. 8), Espanca foi muito criticada pelos conservadores da época. Por posicionamentos não comuns para as mulheres da época, incluindo, os divórcios:

[...] inda mais o fato de ter assumido dois divórcios e três casamentos em uma época em que a sociedade que era contra o divórcio. Nesse sentido, era criticada e rejeitada pela sociedade. Sofreu muito com as calúnias, despertando-lhe um sentimento de desgosto e insatisfação. Fez duas tentativas de suicídio com

soporíferos, chegando a afirmar para sua amiga que morreria no dia do seu aniversário, por ser o melhor presente que ela poderia dar a si mesma.

Florbela suicidou-se na noite do dia 7 de dezembro do ano de 1930, horas antes ao dia do seu aniversário de 36 anos, após ingerir uma super dose de barbitúricos.

A autora não pertenceu a nenhum movimento literário, contudo, sua composição se aproxima ao estilo romântico, conforme declara Silva (2017, p. 5-6), “sua obra é permeada por um forte teor confessional, trazendo revelações de acontecimentos que diziam respeito à sua condição sentimental. Não fez parte de nenhum movimento literário, mas o seu estilo remete à poesia romântica, com forte teor emocional”.

Florbela foi precursora em um universo onde a escrita tinha maior espaço do gênero masculino. A poetisa embora portuguesa não fez parte da Geração de Orpheu, “mas é certo que Florbela não participou do movimento modernista e nem sequer chegou perto das inovações poéticas a que Fernando Pessoa e os seus camaradas se arrojam” (Espanca, 2016, p. 8), contudo, Florbela os acompanhou, em igual passo, os aspectos esteticistas voltados para a utilização de uma conduta factícia. Ainda conforme Espanca (2016, p. 8):

De resto, Florbela era mesmo marginal – porque era mulher e as mulheres não adentraram o espaço restrito aos homens da Geração de Orpheu, e também porque, movida por circunstâncias da sua vida pessoal, esteve quase sempre confinada a meios provincianos (Vila Viçosa e Évora, no Alentejo; Esmoriz e Matosinhos nas proximidades do Porto), tendo apenas residido em Lisboa pouco mais ou menos de seis anos (provavelmente de outubro de 1917 até meados de novembro de 1923) [...].

O fato é que a escrita de Florbela não se define apenas a um movimento literário, carrega nas suas obras vários estilos, em outras palavras, se tivesse que definir a escrita da autora, seria como declara Silva (2017, p. 6-7), “Dona de agudíssima sensibilidade, Florbela é essencialmente poetisa”, pois ainda está marcada pelo pessimismo e pela visão subjetiva da realidade, que marcaram o Simbolismo no final do século XIX. Ainda segundo Silva (2017, p. 6-7),

autores, como Florbela Espanca, não chegam necessariamente a abraçar o espírito modernista e ainda estão presos à tradição do Simbolismo/Decadentismo. [...] Segundo Paiva (1995), o subjetivismo, pessimismo e especialmente o individualismo de Florbela a caracteriza visceralmente lírica e romântica, onde vida e obra se entrecem. A obsessão com essa ideia de uma eleição maldita faz dela legítima herdeira da imagem do poeta decadente do Simbolismo (TUFANO, 1981), [...] Na linha Pré-Modernista é Abdala Júnior (1985) quem a coloca, dizendo que embora a poética de Florbela

tenha se desenvolvido em um momento isolado, individual, insere-se no período de transição do Simbolismo para o Modernismo.

A consciência de que a tristeza é valorizada a partir do momento em que o romântico sente tédio pela vida, é um tema de importância para o estudo acerca do pessimismo romântico.

No Romantismo, o eu-lírico tem uma postura de exagero sentimental em prol desse tema, e torna-se definido pela idealização absoluta e o interesse por duas ideias essencialmente românticas, o amor e a melancolia

O estilo romântico pode ser definido por um sentimento de ruptura, o qual foi vivido como perda, ou ainda, o movimento buscou a unidade perdida. O Romantismo pode ser destacado como o rebaixamento corajoso ao universo das emoções e, também, revela-se como um movimento que liberou as camadas inconscientes da mente. A partir disso, percebe-se a multiplicidade dos tipos românticos, de modo a ser mais pertinente falar em “romantismos”, no plural, do que em “Romantismo”. (Guimarães e Prochno, 2016, p. 67)

A literatura romântica sofreu influência do poeta romântico George Gordon Byron (1788-1824), um dos mais importantes poetas britânicos do Romantismo, com um estilo boêmio e pessimista, que logo, servira de inspiração para vários artistas da época, denominada como geração “mal do século”.

Florbela Espanca, foi contemporânea desse grupo, onde estabeleceu um lugar onde viveu dentro de si todas as suas tristezas e amarguras, por conseguinte, ligou a própria imagem ao expressionismo da morte, do luto e da dor.

A poeta portuguesa, Florbela Espanca, foi contemporânea dessa sociedade. Experimentou a vida, viajando do céu ao inferno, se esquivando dos males, saltando penhascos; não só mudando de amor, de cidade, mas também mudando de personagens de acordo com a realidade que vivia, de acordo com as reconfigurações dos códigos na sociedade. Ela transbordou uma linguagem que encera a sua incompatibilidade com a vida, como meio de afirmação de uma inadaptação à própria realidade. (De Farias, 2019, p. 02)

Escreveu alguns contos, mas sua poesia é que a tornou conhecida no mundo literário:

Sua poesia, mais significativa que seus contos, e produto duma sensibilidade exacerbada por fortes impulsos eróticos, corresponde a um verdadeiro diário íntimo onde a autora extravasa as lutas que travam dentro de si tendências e sentimentos opostos. Trata-se duma poesia-confissão, através da qual ganha relevo eloqüente, cálido e sincero, toda a angustiante experiência sentimental duma mulher superior por seus dotes naturais, fadada a uma espécie de dom-juanismo feminino (Moisés, 2008: 312)

Certamente, sua própria vida, os poetas que lhe inspiraram através das obras que leu, induziram na sua produção, fazendo com que sua poesia, na maioria das vezes, seja em forma de soneto, onde o tema exclusivamente é o amoroso, bastante presente na vida da poetisa, já que a mesma casou-se três vezes. Como afirma Silva (2017), “trata-se de uma autora múltipla: escreveu contos, poesias, epístolas e um diário, além de traduzir vários romances”.

O sentimento de tristeza esteve com a poetisa durante grande parte da sua vida, o que refletiu em sua obra. Abatida, deprimida e solitária em pensamentos que a engoliam, Florbela vivia fragilizada por uma moléstia que nenhum médico conseguiu diagnosticar, mesmo mal que agravou diversos sujeitos da sociedade portuguesa que existiram nesse mesmo período, abalados pelo “mal do século”, expressão utilizada para descrever a crise de existência e valores provocados na Europa no século XIX.

[...] Florbela vivia fragilizada, debilitada e açotada por uma doença que se agravava dia após dia e nenhum médico conseguia diagnosticar: o pessimismo, a descrença e a melancolia. Como muitos sujeitos que viveram nesse período na sociedade portuguesa, Florbela parecia se deixar consumir pela neurose. Faltava-lhe força e vontade de viver, essa debilidade prejudicava a si mesma, causando-lhe uma decadência de si, uma espécie de autodestruição. (De Farias, 2019, p. 10)

No fim da sua vida, esse sentimento se afluou de maneira mais forte, o que fez com que a mesma tentasse contra sua vida três vezes através de pesados soníferos, conseguindo tirar a própria vida na terceira tentativa. O niilismo em Florbela Espanca a fez virar-se contra si mesma. No final da vida, não tinha desejo para viver, encontrava-se totalmente doente de corpo e alma:

Nada me chega, nada me convence, nada me enche. [...] A morte, talvez... esse infinito, esse total e profundo repouso; [...] Às vezes, me parece que tenho qualquer missão a cumprir, qualquer coisa a fazer; Mas não sei o que é, não compreendo, e esta inquietação mina-me, rói-me, esta interrogação, esta contínua busca, cada vez mais ansiosa, dentro de mim mesma, desvaira-me.⁴

Florbela trouxe a melancolia da sua juventude onde não colheu frutos que estimava colher em relação ao amor, como um sonho não realizado, ao desejo da morte se entregando. Segundo Gaivara (2007), o Livro de Mágoas tem como destaque a busca poética que o indivíduo tem pela busca pessoal da sua própria identidade, buscando dar seu ponto de vista sobre o mundo, da maneira que o mesmo enxerga as coisas.

⁴ Carta enviada ao professor Guido Battelli datada de 2 de agosto de 1930.

A poesia florbeliana é consequência de uma sensibilidade que se desenvolve através de intensos impulsos eróticos, onde a autora deposita sua intimidade e sentimentos como em um verdadeiro diário, onde Florbela alude sobre suas angústias próprias pertencentes ao seu “eu”, retomando o pessimismo do período romântico de forma tardia, como afirma, Silva (2017, p. 16): “sua poesia é produto de uma sensibilidade exacerbada por fortes impulsos eróticos, corresponde a um verdadeiro diário íntimo onde a autora extravasa as lutas que travam dentro dela tendências e sentimentos opostos”.

Na literatura portuguesa, o Romantismo é constantemente encontrado em outros estilos literários que vieram após ao seu período, prosseguindo pelos séculos XIX e XX. Segundo Pereira (1998, p. 1), o neorromantismo surgiu em meio às nuances que constituíam o ciclo sociocultural dos séculos XIX e XX, indagados pela forte influência romântica, tendo como resultado o prolongamento e metamorfose do Romantismo.

Além disso, deparamos com o surgimento, na viragem do século XIX para o XX, de um estilo epocal que-enquanto pós-realista, pós-parnasiano epó-naturalista—de tal modo se distingue por afinidades anamnésicas com aquele Romantismo que lhe cabe a designação de Neo-Romantismo. Por isso, no fim-de-século português convivem ou sucedem-se, por vezes com fluida e indecisa fronteira, manifestações tardo-românticas e novas tendências neo-românticas. E, assim, a inteligibilidade dos dois fenómenos exige cuidadosa atenção ao peso relativo de prossecuções e de discontinuidades, à falta ou à intervenção de consciência crítica perante o processo de evolução histórico-literária, à distância discernível entre o epigonismo de mero arrastamento de tiques românticos e a vontade de retoma transmutante das fontes românticas. (Pereira, 1998, p. 1, 2)

O que foi denominado por Pereira (1998) como “[...] um florescimento tardio do romantismo numa época positivista”, é chamado de neorromantismo com o objetivo de situar os diversos movimentos na literatura, filosofia, pintura, música e arquitetura, que surgiram posterior ao Romantismo, mas que carregam elementos pertencentes à escola literária. O retorno ocasional de um estilo de época não ocorre apenas no Romantismo, mas em grande parte de outros períodos.

Essa abordagem artística e intelectual apresentava uma visão melancólica da existência humana, onde os sentimentos de tristeza e saudade desempenhavam papéis centrais.

A tristeza e a saudade, como ressalta Guimarães e Próchno (2016), nesse contexto, eram retratadas como elementos inerentes à condição humana. Os poetas e escritores românticos exploravam esses sentimentos como reações à efemeridade da vida, à percepção da finitude, à natureza passageira dos momentos de felicidade e às decepções

amorosas. Eles viam o mundo como um lugar marcado pela dor, solidão e insatisfação, o que os levava a uma busca por significado e transcendência.

O romântico, para Guimarães e Próchno (2016), dessa forma, estabelecia um mundo próprio, ou seja, a construção de um cenário característico, para transmitir mais veracidade aos sentimentos expostos.

Os Românticos, portanto, tinham obsessão pelo *locus horrendus* (lugar horrível, feio, sóbrio e que provoca horror). Os cenários para as histórias, geralmente apresentavam-se em cemitérios, catacumbas, mausoléus, túmulos, casarões/mansões/castelos assombrados abandonados ou em ruínas, florestas escuras, cavernas, grutas, prisões, masmorras, câmaras de tortura, porões e pântanos. (Guimarães e Próchno, 2016, p. 76)

Há a presença de elementos específicos responsáveis por transferir os sentimentos de tristeza e angústia, através de componentes relacionados ao mórbido.

Além do mais, Florbela deixa vestígios de certos eventos de sua vida em sua obra, e é inegável que alguns desses eventos, amplamente conhecidos por seus biógrafos, exerceram influência significativa sobre ela como escritora ou como afirma Macedo (2010, p. 14): “Primeiro o fato de não ser criada com a mãe, nunca ter sido feliz no casamento, a morte de seu único irmão e não ser aceita na sociedade como ela era. A falta da felicidade fez da dor, versos, que marcaram muito sua produção poética”.

Contudo, para Guimarães e Próchno, (2016, p. 79), a tristeza no Romantismo não era vista como um estado a ser evitado, mas como uma experiência que permitia uma maior sensibilidade e profundidade emocional transformado em melancolia. Os românticos acreditavam que a melancolia podia inspirar a criação artística e a contemplação filosófica, levando a uma compreensão mais profunda da condição humana e da natureza do universo.

[...] Florbela Espanca, assim como todo homem é movido pela vontade e uma vez que esta não encontra satisfação, pois, vive conflitos familiares, casamentos fracassados, a morte do irmão e a rejeição por parte da sociedade como mulher e escritora, vê seu mundo desmotivado e fatalmente resultam em dor e sofrimento sua vida e seus poemas. (Macedo, 2010, p. 16)

O sentimento de frustração origina-se por intermédio dos acontecimentos na vida da poetisa. A inclinação para o melancólico surge desde uma sensibilidade doentia, algo que Florbela afirma ter possuído ao longo de sua vida. De acordo com Macedo (2010, p. 16), “Sensibilidade essa que parece existir em relação às tragédias que nos relatos

biográficos vão trazendo os sentidos da existência e simultaneamente tecendo os sentidos de sua estratégia poética”.

No Romantismo, entende-se como pessimismo a busca do eu-lírico pelo descanso da alma através da morte. O sofrimento de amor, como resultado de uma vida cheia de dor e angústia, termina com a morte. A morte é vista como positiva e negativa, já que, é através dessa dualidade que o pessimista irá dar um fim no sofrimento vivido. Tais angústias estão presentes no *Livro de Mágoas*.

Por conseguinte, precisa-se tratar as características românticas com o objetivo de comprovar a presença do pessimismo através de análises a respeito de alguns sonetos do *Livro de Mágoas*, incluindo-o no estilo literário. Conhecendo a dificuldade que o estudo de um período literário necessita, concentrou-se o esforço de pesquisa principalmente no pessimismo existente na obra, através dos sentimentos de saudade, tristeza e angústia, características principais do pessimismo romântico.

3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

O desenvolvimento da pesquisa se deu a partir do interesse de compreender a construção dos traços de pessimismo na obra *Livro de Mágoas* de Florbela Espanca, a partir dos sonetos escolhidos como corpus de análise, nos quais se percebeu a dor como a libertação de um mundo cheio de amores impossíveis.

Visando atingir os objetivos do trabalho, a técnica de coleta de dados adotada, inicialmente, configurou-se em localizar pesquisas acadêmicas em torno da autora para compreensão do estado da arte; após isso, procedeu-se à leitura dos textos selecionados. Dentre os autores escolhidos, destacam-se os estudos feitos por Silva (2017), Macedo (2010), De Farias (2019), Gonçalves (2009), Moisés (2008), Silva (2008), Sousa (2017) e outros necessários.

Em relação a este tipo de pesquisa, Lakatos e Marconi (2003, p. 183) abordam que:

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc. [...] Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravada.

Deste modo, para entender e discutir a problemática estabelecida, foi necessária a realização da pesquisa bibliográfica, através da qual se obteve um panorama prévio em torno de pesquisas que contemplam a autora e sua obra.

Para atingir os objetivos aqui propostos, dividimos em tópicos alguns dos sentimentos melancólicos que fazem parte do pessimismo, sendo eles tristeza, angústia e saudade, afim de extrair dados suficientes para a comprovação da pesquisa através dos poemas “*Este Livro*”, “*A Minha Dor*”, “*Noite de Saudade*”, “*Languidez*”, “*Dizeres Íntimos*”, “*Angústia*”, “*Sem Remédio*”, “*Mais Triste*” e “*Castelã da Tristeza*”, e fragmentos extraídos de outros poemas escolhidos do *Livro de Mágoas* e de sua obra.

4 O ROMANTISMO TARDIO DE FLORBELA ESPANCA: ANÁLISE DO PESSIMISMO NA OBRA

O *Livro de Mágoas* reúne uma coleção de sonetos escritos por Florbela Espanca, de modo que essa pesquisa analisou de forma geral, o pessimismo na obra e, sobretudo, como categorias de análise foram elencados os sentimentos de saudade, angústia e tristeza; para a construção do pessimismo romântico na obra.

Neste tópico, foram apresentados elementos melancólicos responsáveis pela composição do pessimismo no *Livro de Mágoas*.

4.1 O pessimismo romântico no *Livro de Mágoas*

O *Livro de Mágoas* é composto por trinta e dois sonetos. Publicado em junho de 1919, esse livro é conhecido pelas suas temáticas melancólicas e marcado por fortes sentimentos característicos do chamado "pessimismo romântico". Para Gonçalves (2019, p.80), “cada poema de Florbela é carregado símbolos, mas este trabalho aborda os que mais se destacam ao longo do *Livro de Mágoas*: a dor, a névoa, o destino amargo, a escuridão, sombra e tristeza”.

Florbela Espanca apresenta um eu lírico imerso em profundo sofrimento e angústia emocional. Os versos exploram tópicos como solidão, desilusão amorosa, desejo não retribuído, busca por um sentido na existência e a transitoriedade da vida. Contudo, ao conhecermos a obra de Florbela Espanca, não nos deparamos apenas à uma afiliação

poética. A poesia florbeliana, embora escrita no período modernista, não se deteve a um estilo fixo, podemos encontrar características de diversas estéticas literárias em sua obra.

No entanto, de acordo com Gonçalves (2019, p.79) citado por Nascimento (2011, p. 12), especialmente, no *Livro de Mágoas*, o eu poético encontra-se tomado pelo sofrimento:

O *Livro de Mágoas* é a obra mais decadente e sofrido de Florbela, enquanto poetisa; como o próprio título refere, caracteriza uma mulher que sofre de mágoa, ‘por não poder ser poeta, e não fazer parte do mundo masculino’ e por ter uma ‘imagem que se aproxima da mulher bíblica, culpada do pecado e inferior ao homem.’

A figura feminina é um elemento central em sua poesia e a própria Florbela Espanca revela suas lutas internas como mulher, poetisa e ser humano. Seus versos transmitem um profundo desencanto e pessimismo em relação à vida e ao amor, revelando uma alma atormentada. Gonçalves (2019, p. 78) afirma que “o papel da mulher, [...], era precário, apesar desta evolução intelectual, em conveniência do homem, que tinha liberdade de expressão, enquanto a mulher continuava a exercer tarefas puramente maternas e domésticas.”

Por volta do final do século XIX ao início do século XX, aos poucos, surgiu um começo lento de apreciação das mulheres como escritoras e poetisas, embora frequentemente fossem menosprezadas e alvo de ridicularização. Esse cenário resultou em uma visão restritiva de suas produções. (Gonçalves, 2019, p. 79) citado de (Pereira, 2005: 69).

Florbela não se enquadrava como uma mulher comum; atravessou uma série de eventos históricos, sociais e internos. A própria poetisa se autocrítica ao afirmar:

Florbela não foi uma mulher qualquer, passou por vários acontecimentos históricos, sociais e interiores; a própria poetisa se autocritica dizendo: Eu não sou em muitas coisas nada mulher; pouco de feminino tenho em quase todas as distrações da minha vida. Todas as ninharias pueris em que as mulheres se comprazem, toda a fina gentileza duns trabalhos de seda e oiro, as rendas, os bordados, a pintura tudo isso que eu admiro e adoro em todas as mãos de mulher, não se dão bem nas minhas, apenas talhadas para folhear livros que são verdadeiramente os meus mais queridos amigos e os meus inseparáveis companheiros. (Pereira, 2005: 21.)

Ao conhecermos o *Livro de Mágoas*, deparamo-nos com uma obra com forte influência romântica, carregada com o *pessimismo*, característica do Romantismo. Segundo Macedo (2010), influenciada por outros autores românticos da época:

Ao nos depararmos com as obras de Florbela Espanca, não nos deparamos com apenas uma filiação poética. A poetisa escreve na época do primeiro Modernismo português: o orphismo. Mas, podemos encontrar características de várias escolas literárias. A autora era grande leitora de obras portuguesas e estrangeiras, por isso podemos observar várias alusões a outros autores em sua obra poética, tais como Antônio Nobre, Camilo Pessanha, Camões e Fernando Pessoa. (Macedo, 2010, p. 10)

O Eu-Lírico da poesia de Espanca vive em um mundo de incompreensão e dores, sofre cotidianamente o amargor de sua existência, em razão de estar em um mundo incompreensivo. Esses sentimentos respingam na forma da poetisa enxergar dentro de si, que acaba por se tornar um lugar cheio de lutas e insatisfações, que transbordam no papel como um espelho de si mesma.

Sobre a autora assumir seu próprio “eu” em sua poesia, Macedo (2010) descreve que a autora colocava como personagem principal de sua obra, “em todos os aspectos de sua vida. A poetisa abordou vários temas em suas poesias, poesias estas que, a nosso ver, a situavam como personagem principal. Florbela insuflou sua vida em suas obras assim tecendo-as com o mais puro fio da sensibilidade”.

O pessimismo romântico é uma vertente do Romantismo que se destaca por sua visão sombria da vida e do mundo. Em função disso, os sonetos escolhidos para a comprovação do pessimismo existente, são contemplados pela profunda insatisfação com a realidade, sentimento de vazio e angústia existencial. São voltados para o interior, explorando as emoções e os conflitos internos, criando uma atmosfera de melancolia e tristeza em seus versos.

Com o objetivo de evidenciar o *pessimismo* romântico presente no *Livro de Mágoas*, destacamos alguns poemas retirados da obra, buscando analisar os sentimentos identificados pelo lirismo melancólico de tristeza, angústia e saudade, categorias de análise da presente pesquisa.

Através das análises dos sonetos procuramos identificar a relação do sujeito lírico com os principais elementos do pessimismo.

No primeiro soneto, nomeado como “*Este Livro...*”, a poetisa apresenta o Livro de Mágoas, equiparando-o a um texto sagrado e direciona suas palavras àqueles que enfrentam o fardo da mágoa.

Este livro é de mágoas. Desgraçados
Que no mundo passais, chorai ao lê-lo!
Somente a vossa dor de Torturados
Pode, talvez, senti-lo... e compreendê-lo.

Este livro é para vós. Abençoados
Os que o sentirem, sem ser bom nem belo!
Bíblia de tristes... Ó Desventurados,
Que a vossa imensa dor se acalme ao vê-lo!

Livro de Mágoas... Dores... Ansiedades!
Livro de Sombras... Névoas... e Saudades!
Vai pelo mundo... (Trouxe-o no meu seio...)

Irmãos na Dor, os olhos rasos de água,
Chorai comigo a minha imensa mágoa,
Lendo o meu livro só de mágoas cheio!...

Segundo Gonçalves (2019, p. 85), nesta obra, os sentimentos de Florbela serão compartilhados, possivelmente refletindo a experiência de muitas mulheres que silenciaram suas emoções devido às restrições da época. Florbela declara que somente aqueles que suportam esse tipo de sofrimento podem compreender e se identificar com suas palavras; seus leitores são acolhidos como confidentes que compartilham suas lágrimas ao ler o livro. A obra busca ser uma partilha de emoções, memórias do passado e, até mesmo, do porvir.

Gonçalves (2019) afirma ainda que, “na representação visual do poema, num plano médio curto, é colocada uma personagem de frente: é a própria poetisa a pegar no *Livro de Mágoas* e a lê-lo com os seus leitores; a inclinação dos olhos denota tristeza, e uma lágrima na face representa a mágoa.”

No primeiro quarteto, o eu-lírico nos convida a sofrer junto com ele, afirma que o choro estará convosco, mas deixa claro que somente aqueles que passaram pela mesma tortura ou os “Desgraçados”, aqueles que pelo mundo já tenham sentido a dor, poderão sentir e compreender o verdadeiro sentido do Livro de Mágoas.

O livro é para aqueles que não se sentem bons e nem belos, que não possuem sorte. Depois de afirmar isso, no segundo quarteto, o eu poético acalma e aconchega o leitor para perto de si, pois pretende que a dor dos seus leitores se acalme, conforme leem a “Bíblia de tristes...”, como é chamado o Livro de Mágoas no terceiro verso do segundo quarteto.

No primeiro terceto, após descrever o livro como livro de dores, ansiedades, sombras, névoas e saudades, o eu-lírico diz trazer todas essas angústias consigo: “(Trouxe-o no meu seio...)”, voltando-se novamente para seu leitor o chamando de “Irmãos na Dor”, no último terceto, mais uma vez o leitor é convidado para chorar junto ao eu poético lendo este livro que é apenas de mágoas: “Chorai comigo a minha imensa mágoa / Lendo o meu livro só de mágoas cheio!...”, continua o eu-lírico.

Como visto acima, o *Livro de Mágoas* é composto por “Dores” resultado das mágoas, como é bem descrito no primeiro soneto. A dor emocional é um elemento central no pessimismo romântico. Os protagonistas muitas vezes enfrentam decepções amorosas, solidão e conflitos internos, levando a uma dor profunda e dilacerante. A dor é um elemento central no pessimismo romântico. A intensidade das emoções é enfatizada, destacando o sofrimento que acompanha o amor não correspondido ou a insatisfação pessoal.

Esse tratamento da dor no contexto do pessimismo é uma das características marcantes da poesia de Florbela Espanca. Sobre isso, Silva (2008, p. 107) ressalta que, “decerto percebemos que críticos e estudiosos têm ressaltado a recorrência da dor na produção poética de Florbela Espanca, principalmente no *Livro de Mágoas*”, ou seja, a dor é um elemento indispensável no que concerne ao pessimismo.

No poema “*A Minha Dor*”, podemos ter acesso ao sentimento, conforme reprodução:

A minha Dor é um convento ideal
Cheio de claustros, sombras, arcarias,
Aonde a pedra em convulsões sombrias
Tem linhas dum requinte escultural.

Os sinos têm dobres de agonias
Ao gemer, comovidos, o seu mal.
E todos têm sons de funeral
Ao bater horas, no correr dos dias...

A minha Dor é um convento. Há lírios
Dum roxo macerado de martírios,
Tão belos como nunca os viu alguém!

Nesse triste convento onde eu moro,
Noites e dias rezo e grito e choro,
E ninguém ouve... ninguém vê... ninguém...

Como podemos observar, o poema é carregado de lamúrias, de um “eu” que pede socorro, que grita de dor por se sentir sozinho. O drama é logo compreendido através do inalcançável mundo em que ela vive, como se existisse uma barreira onde ninguém a pode enxergar entre o mundo exterior e o mundo interior no qual o “eu” habita, como um espírito no purgatório, no qual, quem vive não consegue alcançar, um dualismo entre vida e morte; corpo e alma.

Florbela inicia por descrever a dor como um convento idealizadamente perfeito, cujos sinos com “dobres de agonia” batem diariamente com “sons de funeral” para indicar

a morte que se aproxima a cada hora que passa. O convento descrito é o mundo oculto onde a alma purga de dor e mesmo com seus gritos e choros, ninguém a vê, ninguém vai ao encontro de sua súplica de socorro.

Podemos observar nos versos do primeiro quarteto, primeiro e segundo terceto a utilização de algumas palavras e expressões que demonstram angústia em um ambiente sombrio, escuro, gélido, ligado ao noturno, por meio de palavras como: “convulsões”; “sombrias”, “dor”, “roxo”, “martírios”, “grito”, “choro”. Segundo Gonçalves (2019, p. 99), “apesar da descrição da arquitetura ‘pesada’, são observados lírios belos, transmitindo alguma esperança. É neste convento que a autora demonstra a sua fé, rezando, gritando e chorando interiormente; ninguém vê o seu sofrimento”.

Além disso, no segundo e terceiro versos do primeiro terceto, é expresso: “Há lírios Dum roxo macerado de martírios, / Tão belos como nunca os viu alguém!”. O belo sendo remetido ao roxo, uma cor triste e melancólica, fazendo alusão à sua dor e sofrimento como algo belo, como os lírios roxos.

É importante reconhecer que o pessimismo é uma característica proeminente em sua poesia. Já que a poetisa captura as complexidades da experiência humana através de uma lente melancólica, explorando a dor emocional, a solidão, a mortalidade e a busca por significado.

4.2 Os sentimentos de saudade, angústia e tristeza presentes no *Livro de Mágoas*

Ao mergulhar no *livro de Mágoas*, percebemos que o pessimismo na poesia de Florbela está intrinsecamente ligado a imagens poéticas que evocam a noite, a escuridão emocional e o sofrimento interno, elementos frequentes do pessimismo romântico. Os poemas exploram a fragilidade humana, a dor, a busca por significado em meio ao vazio e à sensação de desconexão com o mundo.

No item a seguir, mostraremos o pessimismo presente em alguns sonetos através dos sentimentos de saudade, angústia e tristeza.

4.2.1 Saudades! Mas de quê!?

No pessimismo romântico, a "saudade" pode representar a sensação de vazio e a busca constante por algo que está ausente, seja uma pessoa amada, um lugar distante, um

tempo passado ou uma experiência que nunca pode ser revivida. Segundo Souza (2019, p. 84), “[...] a saudade se aproxima da filosofia do primeiro romantismo alemão, trata-se de um sentimento-ideia que oscila entre o finito e o infinito, que tem sede do eterno”, ou seja, pode ser visto como uma expressão de descontentamento com a realidade presente e uma busca constante por um ideal que talvez nunca seja alcançado.

Nesse contexto, a "saudade" se encaixa perfeitamente no pessimismo, pois ela expressa um tipo de nostalgia dolorosa, um desejo intenso por algo que foi perdido, ausente ou inatingível. Sobre esse sentimento, explica Teixeira de Pascoaes:

A Saudade é o próprio sangue espiritual da Raça; o seu estigma divino, o seu perfil eterno. Claro que é a saudade no seu sentido profundo, verdadeiro, essencial, isto é, o sentimento-ideia, a emoção reflectida, onde tudo o que existe, corpo e alma, dor e alegria, amor e desejo, terra e céu, atinge a sua unidade divina [...]. (Pascoaes, 1912, p. 2)

Esse trecho confirma a “saudade” como elemento crucial na representação artística da tristeza, da solidão e da insatisfação, ressoando com a visão sombria e melancólica que caracteriza esse movimento literário e cultural.

O poema “*Noite de Saudade*”, abaixo transcrito, está diretamente relacionado à saudade.

A noite vem poisando devagar
Sobre a Terra, que inunda de amargura...
E nem sequer a bênção do luar
A quis tornar divinamente pura...

Ninguém vem atrás dela a acompanhar
A sua dor que é cheia de tortura...
E eu oiço a Noite imensa soluçar!
E eu oiço soluçar a Noite escura!

Por que és assim tão escura, assim tão triste?!
É que, talvez, ó Noite, em ti existe
Uma Saudade igual à que eu contenho!

Saudade que eu sei donde me vem...
Talvez de ti, ó Noite!... Ou de ninguém!...
Que eu nunca sei quem sou, nem o que tenho!!

Como podemos perceber, “este soneto consiste numa transição para um ambiente noturno: ‘A Noite vem poisando devagar’, e ‘inunda de amargura’ a Terra, ou seja, a própria vida da poetisa.” Sob a bênção prateada do luar, a pureza de uma mulher é questionada, destituída. Sem companhia, ela carrega seu sofrimento em solidão. A

escuridão, sombria e pesarosa, evoca um sentimento de nostalgia. No desfecho, Florbela indaga o motivo da tristeza noturna que traz consigo a saudade. (Gonçalves, 2019, p. 113)

Há um confronto entre noite e eu-lírico. A “noite escura” que remete à frieza, às trevas, e sombras é comparada ao eu poético, entendendo-se que o eu-lírico conversa consigo mesmo enquanto encontra-se perdido pela saudade, o que pode ser remetido ao amor profundo por alguém.

Através dos primeiros quartetos, podemos notar que, para o eu-lírico, esse sentimento se aflora especialmente à noite. A noite que pausa devagar, vem junto somente da saudade, “ninguém vem atrás dela a acompanhar”.

A falta de alguém retratada como uma dor intensa pelo “eu”, causada pela ausência que à noite possui, é especialmente uma metáfora de si mesmo. No Romantismo, os escritores exploravam essa emoção através de metáforas, imagens e linguagem emocionalmente carregada.

Juntamente com a saudade, a solidão também era um tema importante no Romantismo. Os escritores românticos frequentemente se viam como indivíduos isolados e incompreendidos, em conflito com uma sociedade que muitas vezes não valorizava suas emoções e visões únicas. Essa solidão interior era muitas vezes expressa através de personagens que se sentiam alienados e deslocados.

No penúltimo verso do último terceto, o eu-lírico deixa claro suas incertezas perante seus sentimentos quando remete à noite como a responsável pela saudade ‘que eu sei donde me vem...’, mas, logo em seguida, afirma não haver um responsável pelo sentimento, mais uma vez deixa a incerteza prevalecer, assim como no último verso do soneto: ‘que eu nunca sei quem sou, nem o que tenho!!’.

Essa ambiguidade em relação à saudade se concretiza mais uma vez no terceiro terceto do soneto “*Neurastenia*”, no qual o eu poético mostra-se confuso em relação à definição do motivo pela sua saudade:

Chuva... tenho tristeza! Mas porquê?!
Vento... tenho saudades! Mas de quê?!
Ó neve que destino triste o nosso!

No terceto acima, o eu poético encontra-se em dúvida sobre o que lhe deixou triste, como também, não sabe de quem é a saudade que sente. Os elementos da natureza, “chuva”, “vento” e “neve”, presentes nos versos, acompanham a poeta como receptores

e confidentes de suas mágoas. A natureza está intrinsecamente ligada aos escritores românticos que utilizavam desses elementos para enriquecer seus escritos.

Os poetas românticos descreviam a saudade da terra natal como um sentimento profundo e emotivo, marcado por uma conexão íntima com a natureza, cultura e memórias do lugar, muitas vezes servindo como uma fonte de inspiração e reflexão sobre a natureza humana e a condição existencial.

A saudade por Vila Viçosa, Alentejo, terra natal da poetisa, aparece algumas vezes em seus sonetos. Segundo Silva (2008, p. 109), identificamos em todas as criações de Florbela Espanca elementos característicos de sua região natal. “Vila Viçosa que recebe hoje os epítetos de Vila Museu Princesa do Alentejo, Capital do Mármore, é identificada com a poetisa: ‘Florbela é hoje uma parte da planície raiada de mármore, jazido personalizado que a identifica com o da pequena pátria’, transportando a atmosfera do Alentejo para sua poesia”. A delicadeza presente na simplicidade e no florescer dos campos da região alentejana é expressa através de suas poesias.

O soneto “*Languidez*” é distinguido pelo sitio onde Florbela nasceu e cresceu, no Alentejo. Podemos perceber a adoração pela sua terra nos dois primeiros quartetos:

Tardes da minha terra, doce encanto,
Tardes duma pureza de açucenas,
Tardes de sonho, as tardes de novenas,
Tardes de Portugal, as tardes de Antó,

Como eu vos quero e amo! Tanto! Tanto!...
Horas benditas, leves como penas,
Horas de fumo e cinza, horas serenas,
Minhas horas de dor em que eu sou santo!

As tardes vividas como sonho são descritas de forma nostálgica, “Tardes da minha terra”, / “Tardes de sonho”, / “Tardes de Portugal”. O amor pela terra é transmitido junto a uma sensação de saudade de um tempo em que o eu-lírico era feliz e faz a conexão da temática adotada pela autora com a temática usada pelos românticos.

A saudade da terra natal é descrita de maneira intensa e melancólica, explorando os sentimentos de nostalgia, amor e pertencimento à terra de origem.

4.2.2 Angústia: a tormenta da existência

Florbela frequentemente retrata a solidão, em seus versos, como uma fonte de angústia profunda. Gonçalves (2019, p. 80) citado de (Moreno, 2007: 38) declara que, seus versos revelam a sensação de estar isolada e desconectada dos outros, aumentando sua sensação de desespero e evidentemente “A vontade de morrer, através do suicídio, como um refúgio para a sua angústia transmitia-lhe um alívio: “Render-se à morte é quase inevitável”.

A afeição pela morte de forma exagerada é um legado dos românticos. Para os românticos, a morte já não era mais vista como apenas um episódio normal, mas sim uma maneira de livrar-se dos infortúnios pertencentes à alma.

A morte é associada ao belo, sendo ela essencialmente romântica, como declara Silva e Cortes (2011, p. 198):

Já no romantismo, a morte era considerada uma fuga para os problemas, a insatisfação com o mundo. Já não era só um acontecimento normal, passou-se a uma necessidade, retratada, por muitas vezes, com uma beleza suprema: ‘a morte não será desejável, como nos romances macabros, mas sim, admirável por sua beleza: é a morte a que chamaremos romântica, de Lamartine na França, da Família Brontë na Inglaterra, de Mark Twain na América’. (Silva e Cortes, 2011, p. 198)

No poema a seguir, o eu poético encontra-se perturbado entre o fio que liga a vida e a morte, viver ou morrer, as duas vozes o guiam no decorrer do soneto “*Dizeres Íntimos*”:

É tão triste morrer na minha idade!
E vou ver os meus olhos, penitentes
Vestidinhos de roxo, como crentes
Do soturno convento da Saudade!

E logo vou olhar (com que ansiedade!...)
As minhas mãos esguias, languescentes,
De brancos dedos, uns bebês doentes
Que hão de morrer em plena mocidade!

E ser-se novo é ter-se o Paraíso,
É ter-se a estrada larga, ao sol, florida,
Aonde tudo é luz e graça e riso!

E os meus vinte e três anos... (Sou tão nova!)
Dizem baixinho a rir: "Que linda a vida!...
Responde a minha Dor: "Que linda a cova!"

No soneto acima, o eu poético encontra-se angustiado diante da imagem de sua morte. Nos dois primeiros quartetos, a morte é vista como algo concreto. O uso da terceira

pessoa para descrever suas vestes, “Vestidinhos de roxo, como crentes”, bem como, o estado em que se encontra perante a isso, “É tão triste morrer na minha idade!”, mostra nos um eu-lírico inconformado e angustiado com a situação.

A morte aqui é representada pela dor, que trava uma luta contra seus vinte e três anos. Vida é representada pelos vinte e três anos, encobertos, quase não são ouvidos, pois, mesmo com toda descrição da vida com estradas largas, floridas, ao sol, “Aonde tudo é luz e graça e riso!”, a visão da morte lhe parece mais interessante, a dor aparenta vencer a batalha, uma vez que, a dor é vista como mais sua do que seus vinte e três anos. Como também, alude que os que já falecerem “Dizem baixinho a rir: Que linda a vida!...”

no entanto, devido à dor constante, acaba por assumir a sua preferência pela morte. Este poema parece um pressentimento de que a vida da poetisa não ia durar muito, apesar da suposição de que na sua idade tudo deveria ser belo e iluminado – “Aonde tudo é luz e graça e riso!” –, mas no seu caso não era; a morte é desejada, pelo que a Dor responde: “Que linda a cova!”. (Gonçalves, 2019, p. 101)

A dor é a voz aparentemente mais do eu poético, colocado como forma de intervir a voz da vida no último verso do segundo terceto: “Que linda a cova!”.

Segundo Silva (2008, p. 108), “O ‘eu’ lírico angustiado na poesia florbeliana vive de incertezas constantes, revelando, algumas vezes, em diferentes sonetos, a frustração de não ter sublimado o objeto de desejo; isso causa-lhe sofrimento, através de uma voz punidora (o pensamento, no caso do soneto ‘Angústia’)”. Nesse caso, a frustração por um desejo não alcançado, acaba sendo uma aliada junto aos pensamentos, para o desenvolvimento do soneto.

Assim, no poema intitulado "*Angústia*", um soneto com versos de decassílabos, rimas entrelaçadas nos primeiros quatro versos e dispostas em pares nos três versos seguintes, o eu-lírico experimenta um confronto interno: (Sousa, 2017, p. 4)

Tortura do pensar! Triste lamento!
 Quem nos dera calar a tua voz!
 Quem nos dera cá dentro, muito a sós,
 Estrangular a hidra num momento!

E não se quer pensar!... E o pensamento
 Sempre a morder-nos bem, dentro de nós...
 Querer apagar no céu – Ó sonho atroz! –
 O brilho duma estrela, com o vento!...

E não se apaga, não... nada se apaga!
 Vem sempre rastejando como a vaga...
 Vem sempre perguntando: “O que te resta?...”

Ah! não ser mais que o vago, o infinito!
 Ser pedaço de gelo, ser granito,
 Ser rugido de tigre na floresta!

Há um confronto entre sujeito e pensamentos, nos dois primeiros quartetos. É perceptível a angústia do eu-lírico em relação ao peso que seus pensamentos lhe caem. Para Gonçalves (2019, p. 115), “Florbela refere que é o pensamento que a tortura, desejando que a ‘voz’ interior se cale”, ou seja, o desejo pelo silêncio dos pensamentos que lhe atormentam e destroem sonhos são vistos como tortura, pois nele, o pensamento é tido como seu maior inimigo.

O e-lírico assume que é impossível apagar o pensamento, assim como apagar “O brilho duma estrela, com o vento”.

No final do soneto, mais uma vez é assumido que o pensamento não se apaga, de uma forma ou de outra ele rasteja e usa da “voz” interior para perguntar “O que te resta?...”. Por fim, é-se conduzido para um ambiente natural, com “Ser pedaço de gelo, ser granito”, ser comparado a algo que não tem fim, pois nada acaba a infinita angústia da “voz” interior.

Após buscar ser feliz em seus casamentos e não ter êxito, passa pela discriminação da sociedade que não a aceitava como escritora. Por vezes, a escritora escreveu sobre sua frustração em ser poeta, como no poema “*A Maior Tortura*”, presente no *Livro de Mágoas*, o eu poético faz uma dedicação a Americo Durão, escrevendo, no último terceto: “Mas a minha Tortura inda é maior:/ Não ser poeta assim como tu és/ Para concretizar a minha Dor!”. Florbela sofre com a incapacidade de ser aceita, de conseguir ser ouvida e ser uma poeta como gostaria de ser.

O poema “*Sem Remédio*”, abaixo transcrito, está intimamente relacionado ao drama pessimista. Podemos perceber que o eu-lírico se entrega às angústias e assume suas dores como incuráveis.

Aqueles que me têm muito amor
 Não sabem o que sinto e o que sou...
 Não sabem que passou, um dia, a Dor
 À minha porta e, nesse dia, entrou.

E é desde então que eu sinto este pavor,
 Este frio que anda em mim, e que gelou
 O que de bom me deu Nosso Senhor!
 Se eu nem sei por onde ando e onde vou!!

Sinto os passos da Dor, essa cadência

Que é já tortura infinda, que é demência!
Que é já vontade doida de gritar!

E é sempre a mesma mágoa, o mesmo tédio,
A mesma angústia funda, sem remédio,
Andando atrás de mim, sem me largar!

Conseguimos enxergar um eu-lírico angustiado e conformado com a dor transformada em algo monótono, percebe-se isso através dos dois primeiros versos do último terceto: “E é sempre a mesma mágoa, o mesmo tédio, / A mesma angústia funda”.

A angústia descrita é conflituosa, pois o eu-lírico demonstra insatisfação pelo fato de não conhecerem seu lado mais íntimo, a sua dor que se repete continuamente. A porta descrita é a porta do seu coração, que já foi entregue e sofreu, e o eu poético demonstra seu receio desde então.

Além disso, a autora, faz referência a um dia específico responsável pela a sua dor, denominada como sem remédio, sem cura, “Que é já vontade doida de gritar!”.

4.2.3 Uma imensidão de tristezas

O pessimismo romântico exhibe uma perspectiva melancólica e introspectiva sobre a vida, explorando temas de tristeza, solidão e desilusão. Nesse contexto, a tristeza é muitas vezes vista como uma emoção profundamente ligada à natureza da existência humana e à inevitabilidade do sofrimento. Autores e artistas desse movimento frequentemente exploram a beleza melancólica das emoções humanas, retratando a tristeza como uma parte essencial da experiência humana.

A tristeza foi uma emoção profundamente explorada na poesia de Florbela Espanca. Sua obra refletiu suas lutas internas e experiências pessoais, tornando a tristeza um tema recorrente em seus versos e aproximando-a da mentalidade romântica.

No poema “*Mais Triste*”, o eu poético é engolido pela tristeza, à medida que cada verso é composto. Mais uma vez comprova-se que Florbela é essencialmente neorromântica, como dito por Silva (2017, p. 17), “A poesia carregada de profunda tristeza e sentimentalismo traz evidentes elementos neorromânticos”.

É triste, diz a gente, a vastidão
Do mar imenso! E aquela voz fatal
Com que ele fala, agita o nosso mal!
É a Noite é triste como a Extrema-Unção!

É triste e dilacera o coração

Um poente do nosso Portugal!
E não veem que eu sou... eu... afinal,
A coisa mais magoada das que o são?!

Poentes de agonia trago-os eu
Dentro de mim e tudo quanto é meu
É um triste poente de amargura!

E a vastidão do Mar, toda essa água
Trago-a dentro de mim num mar de Mágoa!
E a noite sou eu própria! A Noite escura!!

No soneto “*Mais Triste*”, o eu poético vai se preenchendo com a tristeza no decorrer dos versos. A tristeza parece ser bem aceita pela poetisa, comparada com toda água existente no mar, onde toda vastidão do mar é transformando em mágoas, como se sua tristeza fosse tanto quanto um mar de mágoa.

A palavra “poente” é repetida três vezes durante o poema, fazendo referência aos sentimentos de mágoa, agonia e amargura. No último verso da última estrofe, esses sentimentos se resultam na noite, “E a noite sou eu própria! / A Noite escura!!”, como se todos esses sentimentos lhe tirassem a luz, já que é através do poente que se vem a noite.

No soneto “*Castelã da tristeza*”, “encontramos o exílio como lugar onde habita o sujeito lírico.” O “eu” não tem as situações como foco principal de sua poesia, “os motivos não são o foco principal do sujeito lírico, até mesmo porque o ‘eu’ foca a si mesmo e não às situações; e até quando focaliza estas, entende-as a partir de suas sensações”. (Silva, 2008, p. 113)

Vejamos como Florbela coloca o sujeito lírico mergulhado na tristeza, no soneto:

Altiva e couraçada de desdém,
Vivo sozinha em meu castelo: a Dor!
Passa por ele a luz de todo o amor...
E nunca em meu castelo entrou alguém!

Castelã da Tristeza, vês?... A quem?...
– E o meu olhar é interrogador –
Perscruto, ao longe, as sombras do sol-pôr...
Chora o silêncio... nada... ninguém vem...

Castelã da Tristeza, porque choras
Lendo, toda de branco, um livro de horas,
À sombra rendilhada dos vitrais?...

À noite, debruçada pelas ameias,
Porque rezas baixinho?... Porque anseias?...
Que sonho afagam tuas mãos reais?...

Podemos perceber que os desejos são maiores que o “eu”, que se guarda na dor, representado por um castelo pelo qual transita a luz de todo o amor, mas nele, ninguém se escolhe entrar. No primeiro quarteto, há momentos de esperança, “Passa por ele a luz de todo o amor”, mas ninguém vai ao encontro do castelo.

A tristeza, nesse soneto, transporta-nos para um ambiente de contos clássicos de princesas. Segundo Silva (2008, p. 108), há um jogo de polifonia no segundo quarteto, que estabelece uma relação entre voz lírica e suas angústias: “Castelã da Tristeza vês?... A quem?.../ - E o meu olhar é interrogado”.

As orações no soneto são representadas por “um livro de horas”, que é a esperança para alguém vir ao seu encontro e acabar de uma vez por todas com a solidão e tristeza. O eu-lírico chora baixinho, vestido de branco (remetendo ao casamento), enquanto reza, à noite se debruça pelos parapeitos do castelo e pergunta “Porque rezas baixinho?... Porque anseios?...”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos, diante do que foi apresentado, que no *Livro de Mágoas* a poesia de Florbela Espanca, seguida da temática da dor, dos elementos melancólicos em destaque os sentimentos de saudade, angústia e tristeza, emergem de uma personalidade feminina que busca estabelecer, por meio de uma ruptura dos ideais e costumes regentes no século XX, um espaço que a agregasse como escritora legítima da literatura portuguesa por toda extensão do tempo.

Percebemos Florbela Espanca como uma romântica tardia e importante reconhecer que ela carregava elementos do Romantismo em sua abordagem literária, mas também apresentava traços de uma voz mais moderna e individualista. Através de uma abordagem profunda das temáticas do amor, da morte e da efemeridade da vida, Florbela cria um cenário de melancolia e desencanto que reflete a visão romântica do mundo.

Na análise do corpus, identificamos a intensa expressão das características românticas presentes nos sonetos do *Livro de Mágoas*. Além disso, percebemos seus relacionamentos tumultuados e as decepções amorosas que enfrentou como influência significativa na temática e na maneira como ela abordou certos temas e desenvolveu sua voz literária.

A conexão profunda entre sua vida e sua poesia não apenas enriqueceu suas obras, mas também permitiu que os leitores se aproximassem dela de maneira íntima. A

autenticidade de suas emoções ressoa através das palavras, tornando-a uma figura literária que transcendeu sua própria época e continua a tocar os corações dos leitores contemporâneos.

Portanto, o *Livro de Mágoas* se insere no contexto do pessimismo romântico ao explorar as emoções dolorosas, a insatisfação existencial e a busca por um sentido em meio à transitoriedade da vida. A obra não apenas reflete os elementos característicos desse movimento literário, mas também enriquece o cânone literário com uma expressão poética profundamente carregada de sentimentos pessoais.

6 REFERÊNCIAS

DE FARIAS, Priscilla Freitas. **A morte, tão ansiosamente desejada, procurou-a Florbela Espanca por suas próprias mãos: o suicídio, a modernidade e o saber médico em Portugal no início do século XX.** ANPUH-Brasil - 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - Recife, 2019.

ESPANCA, Florbela, 1894-1930. **Antologia poética de Florbela Espanca** - São Paulo: Martin Claret, 2015, - (Edição especial)

ESPANCA, Florbela, 1894-1930. **Poesia de Florbela Espanca**, v. 1/ **Florbela d'Alma da Conceição Lobo Espanca.** - Porto Alegre: L&PM, 2018. 176 p. ; 18 cm. - (Coleção L&PM POCKET)

GIAVARA, Suilei Monteiro. **A poética do espetáculo: uma análise dos procedimentos dramáticos nos sonetos de Florbela Espanca.** 2007.

GUIMARAES, A. R. G. P.; PRÓCHNO, Caio César Souza Camargo. **As principais características e atitudes do movimento romântico.** Revista LETRAS & IDEIAS, v. 1, n. 1, p. 66-85, 2016.

GONÇALVES, Daniela Baptista. **Livro de mágoas: relação entre texto e imagem na obra de Florbela Espanca: um projeto ilustrado.** 2019. Tese de Doutorado.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo, SP: Atlas 2003.

MACEDO, Gabriella Pinheiro. **A voz da dor na construção poética de construção poética de Florbela Espanca.** Aparecida de Goiânia, 2010. p. 25.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa.** São Paulo: Cultrix, 2008.

MORENO, E. B. (2007), **A Loucura e o Feminino na Obra de Florbela Espanca**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

PASCOAES, Teixeira de (1912), **A Águia, Janeiro**.

PEREIRA, C. de J. (2005), **Do Sentimento em Florbela Espanca**. Lisboa: Universidade Aberta.

PEREIRA, José Carlos Seabra. HVMANITAS. **Romantismo tardio e surto neorromântico no fim-de-século**. Vol. L.1998. p915-962.

SOUSA, M. J. F. de. (2017). **DECADÊNCIA E ANGÚSTIA: MARCAS DA MODERNIDADE NAS OBRAS DE FLORBELA ESPANCA E AUGUSTO DOS ANJOS**. Revista Moinhos, (4), 57–65. <https://doi.org/10.30681/moinhos.v0i4.2481>

SOUZA, Cláudia Franco. **Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes & Novalis: Romantismo, Infinito e Saudade**. Viagens da Saudade, p. 81, 2019.

SILVA, Elaniny Moreira. **Neorromantismo em Florbela Espanca**. 2017.

SILVA, Fábio Mário. **Da metacrítica à psicanálise: a angústia do " eu" lírico na poesia de Florbela Espanca**. 2008. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora

SILVA, Luís Cláudio Ferreira; CORTEZ, Clarice Zamonaro. **A visão de morte na poesia de Florbela Espanca**. Estação Literária, v. 7, p. 195-204, 2011.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
() Monografia
(X) Artigo

Eu, Eraldo Lima de Macedo,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
O pessimismo romântico presente no Livro de Alagoas,
de Florbela Espanca
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 19 de Setembro de 2023.

Eraldo Lima de Macedo
Assinatura

Assinatura